

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano IV | Volume 11 | Nº 33 | Boa Vista | 2022

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488



AS ELEIÇÕES DE OUTUBRO E O FANTASMA DO GOLPE NO BRASIL

Michel Goulart da Silva¹

Resumo

Discute-se neste ensaio a perspectiva se setores da burguesia em relação ao regime democrático e as ameaças de ruptura institucional defendidas por Jair Bolsonaro. Na discussão mostra-se que a maioria dos segmentos empresariais não aponta indícios de pretender desrespeitar o resultado das eleições de outubro. Para realizar a presente análise, procurou-se analisar os editoriais de alguns veículos de imprensa publicados nos últimos meses.

Palavras-chave: Brasil. Democracia. Golpe de Estado. Jair Bolsonaro.

Abstract

This essay discusses the perspective of sectors of the bourgeoisie in relation to the democratic regime and the threats of institutional rupture defended by Jair Bolsonaro. In the discussion it is shown that most business segments do not point to indications of wanting to disrespect the outcome of the October elections. To perform this analysis, we tried to analyze the editorials of some press media published in recent months.

Keywords: Brazil. Coup d'Etat. Democracy. Jair Bolsonaro.

Um dos temas que mais tem repercutido na imprensa nos últimos meses é a remota possibilidade ou mesmo a impossibilidade de um golpe por parte de Jair Bolsonaro (SILVA, 2020a; 2022). O presidente, em diversas declarações, questionou a segurança das urnas eletrônicas e chegou a afirmar que não aceitaria o resultado das eleições, caso não fosse eleito. Diante dessas falas, repercute em diversos segmentos da sociedade, inclusive na imprensa, o debate sobre um possível golpe. Essa preocupação ganhou as páginas da imprensa diária, mostrando não apenas as aparentes intenções do governo, como a ausência de apoio dos segmentos empresariais em relação a uma aventura golpista.

Na análise de um golpe ou de uma ameaça de ruptura na ordem instituída, o fator determinante está nas relações econômicas e tem sua expressão mais evidente na luta de classes. Na atual conjuntura, a existência ou não de uma ameaça golpista deve ser analisada não pelas vontades bonapartistas ou pelas bravatas expressas em discursos por Bolsonaro, mas na movimentação das classes sociais. O elemento militar, embora importante na análise, está ligado à disposição golpista das classes dominantes, na medida em que as forças de repressão estão à serviço da manutenção da ordem institucional, e não ao contrário. Além disso, na medida em que frações das classes dominantes possuem relações estreitas com o imperialismo, representando interesses estrangeiros dentro do país, a correlação de forças em âmbito internacional deve ser considerada determinante na preparação e nos desdobramentos de um eventual golpe. Portanto,

¹ Doutor em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Realizou pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação e no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Atua no Instituto Federal Catarinense (IFC). E-mail para contato: michelgsilva@yahoo.com.br



Quando se fala em golpe, faz-se referência à interrupção forçada no processo institucional, provocado ou não por ações violentas, encabeçada ou apoiadas por setores militares, em que há ou uma transformação do regime político ou, pelo menos, uma mudança de governo. Esse processo não ocorre de forma isolada, sendo necessária a mobilização de outras forças políticas e sociais, como a ação de políticos opositores, a mobilização de setores da população ou os discursos difundidos pelos órgãos de imprensa (SILVA, 2020b, p. 135).

Não se observa atualmente na maioria das principais frações da burguesia a defesa de uma alternativa golpista. Essa conclusão parte da análise da grande imprensa, que expressa os interesses de diferentes frações das classes dominantes, na qual se percebe que não há qualquer interesse em uma ruptura institucional. Além disso, a adesão de importantes segmentos empresariais aos manifestos em defesa da democracia mostra o comprometimento das classes dominantes com um projeto de união nacional e o respeito ao resultado das eleições de outubro (KONCHINSKI, 2022). Na imprensa, se referindo à postura do presidente sobre a postura em relação ao resultado das eleições, o jornal *O Estado de São Paulo* afirmou em editorial publicado no começo de maio: “A Bolsonaro também escapa a compreensão de que os cidadãos possam manifestar livremente repúdio ao seu modo calamitoso de conduzir o País” (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2022a). O jornal *Valor Econômico*, poucos dias depois, destacou a simpatia de Bolsonaro pela ditadura, relacionando isso aos ataques contra a legitimidade das eleições: “O TSE já perdeu muito tempo explicando a segurança das urnas para quem explora a questão com objetivos políticos antidemocráticos. Bolsonaro é um defensor da ditadura, período em que os militares não se preocupavam com urnas, mas com impedir eleições para a Presidência” (VALOR ECONÔMICO, 2022).

Outra grande publicação da mídia brasileira, o jornal *Folha de São Paulo*, também não vem poupando críticas a Bolsonaro. Em editorial publicado em maio, o jornal afirmava: “Não deve haver dúvidas sobre as inclinações autoritárias do presidente Jair Bolsonaro (PL). Exibiu-as ao longo dos sete mandatos como deputado federal e não tem feito questão de reprimi-las em mais de três anos no Palácio do Planalto” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2022a).

Percebe-se nessas publicações uma preocupação com o respeito às instituições que, em outros termos, pode ser entendido como a necessidade de garantir a estabilidade política e social. Para tanto, esses órgãos de imprensa expressam grande confiança no pleno funcionamento das instituições, inclusive para conter os arroubos de Bolsonaro. Afirmou o *Folha de São Paulo*, em editorial, que “felizmente a institucionalidade nacional e o contexto internacional interpuseram uma série de obstáculos robustos entre as pulsões tirânicas, de um lado, e a realidade política, do outro. Contorná-los não será tarefa fácil para ninguém” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2022a). Outros órgãos de imprensa, além da confiança na institucionalidade, também destacam o papel das “elites” “nesse processo,



criticando os empresários que seguem apoiando Bolsonaro. Os editores de *O Estado de São Paulo* afirmaram, no começo de maio:

Diversas vezes a elite empresarial e suas associações se manifestaram contra os desmandos de Bolsonaro na área ambiental, educacional, sanitária ou diplomática. É hora de se mobilizarem para expor tudo o que há de vergonhoso no voto de seus colegas seduzidos pelo canto desafinado da sereia bolsonarista. Se não for pelos interesses nacionais, que seja ao menos para preservar seus próprios interesses (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2022b).

O mesmo texto também aponta elementos mais amplos do processo eleitoral. Ainda que não esteja centrado em Lula, mostra a posição do jornal sobre a candidatura petista, que estaria buscando “recobrar o poder e restabelecer seu desenvolvimentismo irresponsável, sua hostilidade ao livre mercado, os gastos descontrolados, o aparelhamento do Estado e a capilarização da corrupção, tendo como corolário o retrocesso socioeconômico” (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2022b). Um dos centros da crítica à candidatura petista tem sido justamente suas propostas “intervencionistas”, que, embora tímidas, parecem causar receio nos mais assíduos defensores do livre mercado. Em outro texto, também publicado no começo de maio, o jornal *Folha de São Paulo* fez críticas ao programa petista, afirmando:

Advogar o fortalecimento do intervencionismo econômico, no Brasil concreto, é cevar lobbies bem-posicionados que parasitam o erário. Lula não entendeu, e isso preocupa, que o avanço da agenda social inclusiva que corretamente defende depende de fazer-se o inverso —afastar os caçadores de renda da esfera das decisões estatais (FOLHA DE SÃO PAULO, 2022b).

Esse Lula defensor de uma política “intervencionista”, pintado pela grande imprensa, está longe da realidade do programa e das promessas da candidatura petista, que vem procurando um diálogo próximo com os setores empresariais (SAMPAIO, 2022). Contudo, para esse segmento da sociedade, qualquer intervenção estatal, por mais modesta que seja, mesmo que afete apenas parcial e minimamente o livre mercado, é considerada temerária. Nesse processo, diante da divulgação das diretrizes do programa da candidatura Lula, o jornal *Folha de São Paulo* se mostrou desconfiado em relação às “teses estatistas e corporativistas” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2022c). No mesmo sentido, *O Estado de São Paulo* afirmou que o “papel indutor e coordenador do Estado e das empresas estatais” no desenvolvimento e a necessidade de “fortalecimento dos bancos públicos” seria um “um grande salto para trás” (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2022c).

Na narrativa construída pela grande mídia, há semelhanças entre Lula e Bolsonaro, não passando qualquer deslize de Lula. No contexto do debate sobre o teto de gastos, desrespeitado por Bolsonaro, o *Folha de São Paulo*, além de criticar o atual presidente, afirmou sobre o petista: “A mesma linha inconsequente é seguida por Lula. Com retórica demagógica, o cacique petista diz que o limite aos



gastos prejudica a área social e é apenas um meio de garantir o interesse de rentistas, credores da dívida pública” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2022d). O petista também foi objeto de críticas por suas opiniões acerca de temas mais imediatos. No começo de junho, quando Lula falou que o PSDB “acabou”, *O Estado de São Paulo* criticou duramente o petista:

O perigo de uma eventual vitória de Lula não se manifesta somente nos momentos em que reafirma sua vocação autoritária. Preocupa igualmente sua visão tacanha de mundo. Em vários momentos, Lula parece que está disputando a direção de um centro acadêmico, não a Presidência da República (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2022d).

O PSDB foi, durante décadas, um dos principais partidos da direita, e sua crise deixou a chamada “terceira via” sem uma candidatura de maior peso político, tendo que escolher entre Bolsonaro, com sua postura demagógica e com arroubos autoritários, ou Lula, um líder operário conciliador. Para as classes dominantes, a candidatura de Bolsonaro possivelmente não representará seus principais interesses, na medida em que está cada vez mais voltada para priorizar as pautas de interesse de sua base ideológica. Bolsonaro, durante a campanha, segundo o *Folha de São Paulo*, “terá pouco a apresentar além da dedicação a pautas de aceitação minoritária na sociedade - do acesso a armas ao ensino domiciliar, do combate a multas de trânsito à recusa dos cuidados contra a Covid. Precisarás apostar, ao que parece, na rejeição ao principal adversário” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2022e). Em outro texto, também publicado no final de maio, o jornal voltou a criticar a postura de Bolsonaro:

Pregar para convertidos em tema de insubordinação aos cânones democráticos afugenta do apoio ao presidente largos contingentes do eleitorado nacional. A rejeição maciça a Bolsonaro por seu turno se reflete em sua larga desvantagem na corrida para a reeleição, o que torna ainda mais postiças e débeis a gritaria sobre fraudes e as insinuações sobre viradas de mesa (FOLHA DE SÃO PAULO, 2022f).

Bolsonaro, com sua demagogia de ataques retóricos à democracia, e Lula, que assusta a burguesia com seu tímido “estatismo”, são a expressão da polarização que tanto preocupa as classes dominantes há anos. Diante disso, restou à burguesia apostar na chamada “terceira via”, que vem tentando consolidar o nome da senadora Simone Tebet (MDB). Essa posição de apoio a uma alternativa ligada a um partido orgânica da burguesia e que se mostra mais confiável foi expressa pelo jornal *O Estado de São Paulo*, ao afirmar:

Este jornal está ao lado dos milhões de brasileiros que gostariam de ver uma candidatura capaz de livrar o País do populismo que nos condena ao atraso, que resgate a confiança dos cidadãos entre si e nas instituições republicanas, que apresente um plano de governo para reduzir nossa brutal desigualdade social, que trace caminhos para a retomada do crescimento econômico e que promova boas políticas públicas nas áreas de saúde, educação e meio ambiente. E que, enfim, não trate a política como um jogo de soma zero (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2022e).



Embora mostrando simpatia pela “terceira via”, o *Folha de São Paulo* fez questão de externar sua insatisfação com os partidos e candidatos que vêm se apresentando como representantes desse setor. Em maio, o jornal afirmou em editorial: “Discutem-se as conveniências de cada partido no jogo eleitoral, sem que se pronuncie palavra sobre a recuperação da economia, amparo social e outras aflições da população. A falta de opções contribuirá para empobrecer ainda mais o debate” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2022g). Ficou evidente a fragilidade dessas alternativas, que não avançaram nas pesquisas nem conseguiram ser consenso entre os partidos, tendo visto abandonar suas pré-candidaturas nomes como Sérgio Moro e João Doria. Diante disso, até mesmo a imprensa burguesa precisou admitir a força da candidatura Lula. Em maio, o jornal *O Estado de São Paulo* afirmou:

Seguramente, há muitos eleitores que declaram voto em Lula porque repudiam os modos de Bolsonaro e sua maneira de conduzir o País. Hoje, o petista é o único pré-candidato que mostra força eleitoral para evitar o desastre da reeleição do incumbente, o que para alguns analistas reduz as chances de uma alternativa eleitoral ao petista e a Bolsonaro (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2022e).

Essa passagem mostra tanto a crítica a Bolsonaro como a aceitação, ainda que a contragosto, de Lula como uma possível alternativa para os interesses das classes dominantes. Dessa forma, ficou evidente que a maioria das classes dominantes não apoiam uma tentativa golpista de Bolsonaro, apostando sua tentativa de estabilização por meio das eleições. Nesse sentido, ao atacar o processo eleitoral, Bolsonaro se distancia das principais frações das classes dominantes, a qual deseja uma outra candidatura e, caso não o consiga, deve migrar de forma crítica para Lula. O petista, por sua vez, procura acabar com as desconfianças das classes dominantes, se mostrando como um aberto defensor da democracia, quando afirma:

Bolsonaro fala em golpe todo o dia. A imprensa fala em golpe. E ele vai ver o golpe que ele vai sofrer no dia 2 de outubro. O povo vai dar um golpe no autoritarismo dele e vai reestabelecer a democracia nesse país. Vai ser o primeiro golpe democrático e popular. Golpe sem fuzil, sem metralhadora. É um golpe da eleição democrática (SEABRA; AZEVEDO, 2022).

As classes dominantes entendem a necessidade de restabelecer o funcionamento das instituições da Nova República. Bolsonaro, por sua vez, segue em suas críticas e declarações contra o STF e o Congresso Nacional. Contudo, para a superação da crise econômica, as classes dominantes parecem preferir um regime político onde haja harmonia entre os poderes e as instituições do Estado. Essa é a perspectiva do imperialismo, como expresso pelo diretor da Agência Central de Inteligência dos Estados Unidos (CIA), que teria dito a autoridades de alto escalão do Brasil que o presidente Jair Bolsonaro deveria parar de lançar dúvidas sobre o sistema de votação (STARGARDTER; SPETALNICK, 2022).



Em outro momento, durante seu encontro com Bolsonaro, o próprio Biden expressou posição no sentido da necessidade de garantir o funcionamento da democracia no Brasil (BULLA; BRONZATI, 2022).

Esses elementos identificados na grande imprensa e em declarações de candidaturas à presidência mostram que, para as classes dominantes, a manutenção da democracia seria mais bem defendida por uma candidatura que representasse de forma mais orgânica seus interesses, expresso na “terceira via”. Contudo, diante da fragilidade dos nomes que se colocaram como alternativas, percebe-se que a ideia de união nacional e defesa da democracia levam as classes dominantes, em sua maioria, para o apoio a Lula. Os próximos meses mostrarão a confirmação dessa tendência, a partir principalmente da construção de alianças e da dinâmica econômica e política.

REFERÊNCIA

BULLA, Beatriz; BRONZATI, Aline. “Biden defende democracia e Amazônia em encontro com Bolsonaro”. **O Estado de São Paulo** [09/07/2022]. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br>>. Acesso em 05/09/2022.

O ESTADO DE SÃO PAULO. “Dúvida é uma coisa, má-fé é outra”. **O Estado de São Paulo** [08/05/2022a]. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br>>. Acesso em 05/09/2022.

O ESTADO DE SÃO PAULO. “A parte da elite que apoia o atraso”. **O Estado de São Paulo** [09/05/2022b]. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br>>. Acesso em 05/09/2022.

O ESTADO DE SÃO PAULO. “O cheque sem fundos de Lula”. **O Estado de São Paulo** [10/06/2022c]. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br>>. Acesso em 05/09/2022.

O ESTADO DE SÃO PAULO. “É isto um democrata?” **O Estado de São Paulo**, [03/06/2022d]. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br>>. Acesso em 05/09/2022.

O ESTADO DE SÃO PAULO. “A eleição não está decidida”. **O Estado de São Paulo** [29/05/2022e]. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br>>. Acesso em 05/09/2022.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Algazarra golpista”. **Folha de São Paulo** [17/05/2022a]. Disponível em: <<https://www.folha.uol.com.br>>. Acesso em 05/09/2022.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Pela sexta vez”. **Folha de São Paulo** [09/05/2022b]. Disponível em: <<https://www.folha.uol.com.br>>. Acesso em 05/09/2022.

FOLHA DE SÃO PAULO. “O PT de sempre”. **Folha de São Paulo** [07/07/2022c]. Disponível em: <<https://www.folha.uol.com.br>>. Acesso em 05/09/2022.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Ataque em falso”. **Folha de São Paulo** [01/05/2022d]. Disponível em: <<https://www.folha.uol.com.br>>. Acesso em 05/09/2022.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Pouco a apresentar”. **Folha de São Paulo** [31/05/2022e]. Disponível em: <<https://www.folha.uol.com.br>>. Acesso em 05/09/2022.



FOLHA DE SÃO PAULO. “Confusão para nada”. **Folha de São Paulo** [28/05/2022f]. Disponível em: <<https://www.folha.uol.com.br>>. Acesso em 05/09/2022.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Pista vazia”. **Folha de São Paulo** [20/05/2022g]. Disponível em: <<https://www.folha.uol.com.br>>. Acesso em 05/09/2022.

KONCHINSKI, Vinicius. “Bancos, indústria e setores do agro se afastam de Bolsonaro antes da eleição”. **Brasil de Fato** [08/08/2022]. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br>>. Acesso em 05/09/2022.

SAMPAIO, Cristiane. “Para restabelecer pontes, Lula se reúne com Fiesp”. **Brasil de Fato** [08/08/2022]. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br>>. Acesso em 05/09/2022.

SEABRA, Catia; AZEVEDO, Victoria. “Lula diz confiar nas urnas e que eleição será 'golpe democrático e popular' sem fuzil”. **Folha de São Paulo** [11/05/2022]. Disponível em: <<https://www.folha.uol.com.br>>. Acesso em 05/09/2022.

SILVA, Michel Goulart da. “O fantasma do golpe na atualidade”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 2, n. 4, 2020a.

SILVA, Michel Goulart da. “Golpe de estado: história e usos de um conceito”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 4, n. 12, 2020b.

SILVA, Michel Goulart da. “Governo Bolsonaro: notas para um balanço histórico e político”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 11, n. 32, 2022.

STARGARDTER, Gabriel; SPETALNICK, Matt. “Diretor da CIA disse a integrantes do governo que Bolsonaro não deveria questionar eleições”. **Folha de São Paulo** [05/05/2022]. Disponível em: <<https://www.folha.uol.com.br>>. Acesso em 05/09/2022.

VALOR ECONÔMICO. “Bolsonaro tem de ser obrigado a respeitar as leis”. **Valor Econômico** [11/05/2022]. Disponível em: <<https://valor.globo.com>>. Acesso em 05/09/2022.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano IV | Volume 11 | Nº 33 | Boa Vista | 2022

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima